

SALA REFERÊNCIA PARA O BERÇÁRIO: DE QUE ESPAÇO ESTAMOS FALANDO?

THAIS MACEDO NIEDISBERG¹; MAYARA BENJAMIM DE OLIVEIRA²; JULIA REGINA HUBER DA SILVA ALVES³;

ANA DO CARMO GOULART GONÇALVES⁴:

¹Universidade Federal do Rio Grande – thais2005.niedisberg@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande – mayarabenjamim11@gmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande – huberjulia392@gmail.com

⁴Universidade Federal do Rio Grande – acarmogg@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Educação Infantil - EI, de acordo com a Lei nº 9.394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, é a primeira etapa da Educação Básica, a qual encontra-se dividida em creche - crianças de zero a 3 anos, e pré-escola - crianças de 4 a 5 anos. A EI constituiu-se (e ainda se constitui) como um campo de constantes disputas atravessadas por acontecimentos históricos, políticos e sociais que buscam reafirmar suas concepções, sejam estas de caráter assistencialista, caritativo, preparatório, ou ainda em observância à legislação vigente, as quais irão afirmar a função social da escola. Daí a relevância do respeito e da aderência à legislação nacional e aos documentos normativos que dela derivam.

Este trabalho tem como foco tematizar uma proposta de sala referência para o berçário (que faz parte do segmento creche), produzida para o componente curricular obrigatório no Curso de Pedagogia – Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, intitulado Fundamentos e Metodologia da Educação Infantil III, ministrado pela Prof.^a Dr.^a Ana do Carmo Goulart Gonçalves.

Nesta esteira, a partir da premissa de que o tempo e o espaço são elementos centrais para pensarmos a organização do cotidiano e da rotina na EI, foi necessário pensar uma maquete – sala de referência em tamanho reduzido, acompanhada de uma proposta para um grupo de crianças. A partir dos estudos e debates realizados, optamos pela sala de berçário, a qual deve ofertar desafios e possibilidades para os bebês, de modo a garantir um ambiente seguro, desafiador e convidativo para o seu desenvolvimento.

De acordo com HORN,

A forma como organizamos o espaço interfere, de forma significativa, nas aprendizagens infantis. Isto é, quanto mais esse espaço for desafiador e promover atividades conjuntas, quanto mais permitir que as crianças se descentrem da figura do adulto, mais fortemente se constituirá como parte integrante da ação pedagógica. (2004, p.20)

Desse modo, é importante destacar que ao nos referirmos à construção de espaços dentro da sala referência, compreendemos o conjunto composto pelo espaço físico, os móveis, os materiais e as materialidades ali presentes. Entretanto, o termo ambiente refere-se ao que perpassa os espaços, por exemplo, as relações e os sentimentos que se constituem nele.

Além disso, não raro, no cotidiano dos bebês, o ambiente torna-se o local onde ocorre o inesperado, sendo o lugar onde o que está fora do planejamento, encontra potência. HORN e GOBBATO (2015) apontam que o ambiente “fala” ao transmitir-nos sensações, evoca recordações, passa-nos segurança ou inquietação, mas nunca nos deixa indiferentes.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Ao iniciarmos a construção da maquete, pensamos em uma proposta que refletisse as nossas concepções, todas elas em consonância com a legislação prevista para a EI, sobretudo materializadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI (2009), a qual define que o currículo deve articular os saberes e as experiências das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o seu desenvolvimento integral.

Tendo como foco esta premissa, organizamos uma maquete que pudesse no cotidiano das interações sociais, potencializar propostas ricas e significativas aos bebês. Abaixo, segue a discriminação da proposta:

Mobiliário: Buscamos inspiração em MONTESSORI¹, para que pudéssemos produzir as prateleiras onde iriam ficar os materiais não estruturados, que de acordo com WOLF (2023, p. 18):

[...] tratam-se de Materiais não estruturados trata-se de materiais variados, produzidos com finalidades também variadas, de uso cotidiano, ou não, em diversos segmentos sociais e profissionais que, nas mãos de adultos e crianças, sugerem combinações abertas e flexíveis, oferecendo oportunidades para inúmeras utilizações, combinações e composições.

Assim, construímos armários rasteiros para que os bebês possam fazer o uso e a exploração dos materiais, potencializando a sua autonomia.

Recanto das múltiplas linguagens: Com o objetivo de potencializar a experiência com as múltiplas linguagens, criamos este espaço, o qual está composto por: um carrinho que pode ser utilizado em diferentes espaços da sala, de acordo com a proposta. Neste, estão dispostos riscantes, telas e papéis; cubo sensorial para exploração livre dos movimentos corporais; espaço da musicalização e por fim, uma parede livre para pintura, pois consideramos deveras importante um grande espaço para expressão artística.

Recanto literário: A leitura desperta a imaginação nos bebês, nas crianças e até mesmo nos adultos. Por essa razão decidimos construir este espaço de uma forma confortável, onde a professora referência, pode realizar leituras com intencionalidade, mas que na maioria das vezes lerá apenas pelo sentimento de prazer, sem que haja intenção de alfabetização e/ou letramento, pois de acordo com ROSA; ALBUQUERQUE (2024), é um direito das crianças a aprendizagem da linguagem literária desde o nascimento.

Espaço transitório: Para pensarmos nesse espaço, partimos da concepção de que uma sala referência necessita de mais espaço e menos materiais dispostos, pois os bebês estão descobrindo o mundo com os seus corpos e para isso há uma grande demanda de movimento. Neste espaço também devem acontecer as propostas que serão levadas pelas professoras, estas deverão ser planejadas conforme o currículo da EI, que são as interações e a brincadeira. Cabe ressaltar

¹ Médica Italiana, criadora de um método pedagógico que se baseia na autonomia e no respeito pelo desenvolvimento natural da criança, desde que exista um ambiente adequado para isso.

que pensamos em piso feito com material emborrachado reciclável, pois além de confortável, é mais seguro para os bebês.

Solário: Compreendemos que o uso dos espaços externos constituem-se como potência à prática educativo pedagógica no que tange ao desenvolvimento integral das crianças.

Dessa maneira, entendemos que os ambientes externos oportunizam aos bebês experiências de desenvolvimento que não são as mesmas que ocorrem nos ambientes fechados, mas possuem a sua própria potência, tal qual aponta ARRIBAS (2004, p.375)

O espaço externo coloca a criança em situação de adaptar-se a novas experiências que exigem dela novas respostas. A diversidade se apoia nas possibilidades. Nesse ambiente são propiciados numerosos e ricos intercâmbios:

- Os processos de socialização e de cooperação são amplamente contemplados, oportunizando trocas com outros grupos de crianças.
- A possibilidade de estar em contato com a natureza, o que na vida moderna se torna muito restrito às crianças: brincar com terra, água, plantas e animais.
- A possibilidade de exercitar-se em amplos movimentos como correr, saltar, subir em árvores

Para tais possibilidades, o ambiente externo foi pensado através dos seguintes espaços:

Horta: Com o objetivo de aproximar os bebês à natureza, desenvolvemos um espaço em que eles poderão experienciar o contato com a água, terra e as plantas, além disso, as propostas incluirão a participação dos bebês em todas as etapas: espalhar a terra, regar, esperar o crescimento e por fim, colher.

Exposição de produções: Algumas das produções desenvolvidas na sala referência ou na área externa, ficarão expostas a fim de que os bebês se sintam pertencentes ao ambiente.

Caixa de areia: A caixa de areia faz parte de pensar a criação de ambientes de qualidade ao ar livre, promovendo o direito dos bebês de brincar e ter contato com a natureza em ambientes externos.

Painel sensorial: Desenvolvido para que os bebês possam experienciar diferentes texturas a partir de artefatos que eles, possivelmente, veem no seu cotidiano como o grão de arroz e a esponja de louças por exemplo.

Pintura produzida em conjunto com as famílias: Durante as leituras realizadas ao decorrer do curso, pudemos concluir que escola de qualidade, é aquela que trabalha em conjunto com a família. Portanto, para materializarmos essa concepção na maquete, resolvemos simbolizar esse laço tão importante em uma pintura na parede.

Espaço reservado: Cabe destacar que a construção da maquete foi pensada e planejada com um olhar para as especificidades de uma turma de berçário. Sendo assim, a estrutura e o mobiliário se voltam para que as necessidades como a hora do sono e a troca de fralda sejam realizadas com o mínimo de privacidade, considerando que os bebês têm sentimentos que devem ser levados em consideração e que a troca de fraldas, por exemplo não se resume apenas a um cuidado físico e mecânico. Em suas teorias, PIKLER também menciona sobre a troca que deve acontecer neste momento, entre o adulto e o bebê, onde o adulto deve narrar os acontecimentos de maneira informativa, sobre os seus movimentos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este trabalho, é preciso mencionar o quanto a construção da maquete deixou em evidência a necessidade de um/a profissional qualificado/a para assumir a proposta educativo-pedagógica em um grupo de bebês. Ademais, o processo também foi minucioso ao mostrar que devemos levar em consideração pesquisadores/as do campo, revelando mais uma vez que os processos de formação nunca devem estagnar-se.

Enfim, a construção da sala de referência para o berçário revelou-se, portanto, como um exercício formativo que ultrapassa a dimensão prática, pois possibilitou refletir sobre concepções de infâncias, docência e currículo. Por isso, compreendemos que pensar o espaço é também pensar a criança e suas múltiplas formas de ser e estar no mundo. Assim, responder à questão proposta no título significa reconhecer que a sala referência não se reduz a um espaço físico, mas constitui-se como ambiente vivo, material e simbólico, permeado por relações, experiências e significados que potencializam o desenvolvimento integral dos bebês e se consolidam como parte essencial da prática educativo pedagógica na Educação Infantil.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIBAS, Tereza. Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Brasília, DF: MEC/CNE, 2009.

HORN, Maria da Graça Souza. A solidária parceria entre espaço e educador. In: HORN, Maria da Graça Souza. *Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na Educação Infantil*. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

HORN, Maria da Graça Souza; GOBBATO, Carolina. Percorrendo trajetos e vivendo diferentes espaços com crianças pequenas. In: FLORES, Maria Luiza Rodrigues; ALBUQUERQUE, Simone Santos de (Orgs.). Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. p. 69-84.

ROSA, C. M.; ALBUQUERQUE, S. S. de. A literatura no cotidiano da Educação Infantil: um direito das infâncias. In: ALBUQUERQUE, S. S.; FLORES, M. L. (Orgs.). *Qualidade da Educação Infantil: diálogos a partir da formação continuada*. Porto Alegre: Pedro & João Editores, 2024. p. 85-100.

WOLF, Daniela et al. Entrelaçamento de experiências de crianças e adultos com materiais não estruturados. 1. ed. Ceduc, 2023.